

Revista Cásper #5

CÁSPER

Nº 5 – Dezembro de 2011

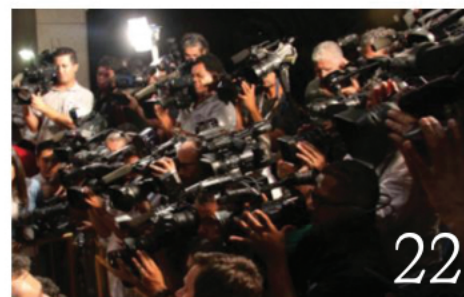
Sensacionalismo
Sangue e Audiência

Adriano Gambarini
Fotógrafo do desconhecido

Assessoria de imprensa
Comunicação personalizada

A large pile of garbage, likely a landfill, dominates the lower half of the image. Several birds are flying in the sky above the pile. In the background, there are some industrial structures and hills under a hazy sky.

A forçado
Documentário



6 Fernando Morais: Cuba outra vez

Entrevista com o consagrado escritor Fernando Morais, entusiasta da cinquentenária Revolução Cubana

12 Acesso digital

Projetos de digitalização permitem que os acervos de grandes instituições possam ser conferidos em um clique

16 Quem tem medo de paparazzi?

Paparazzi brasileiros contam sobre a profissão, que pouco tem a ver com o trabalho feito pelos colegas estrangeiros

22 Trabalho personalizado

Assessorias de imprensa internascuidam da imagem de uma única instituição

28 Escracha

Por que os programas sensacionalistas atraem tanta audiência

36 Lentesselvagens

Conheça Adriano Gambarini, fotógrafo que roda o mundo atrás de uma grande imagem

Capa: É filme mesmo? 42

Apesar do preconceito das plateias, o documentário ganhou cada vez mais espaço na produção cinematográfica nacional

A arte de sujar os ouvidos 52

Sempre atentos às novidades do mercado musical, críticos apresentam seu dia a dia

Um nerd na redação 58

Entrevista com Alexandre Versignassi, editor da Superinteressante e autor do livro Crash – Uma Breve História da Economia

Notícias casperianas 64

As principais atividades desenvolvidas pela Cásper durante o segundo semestre de 2011

Crônica 66

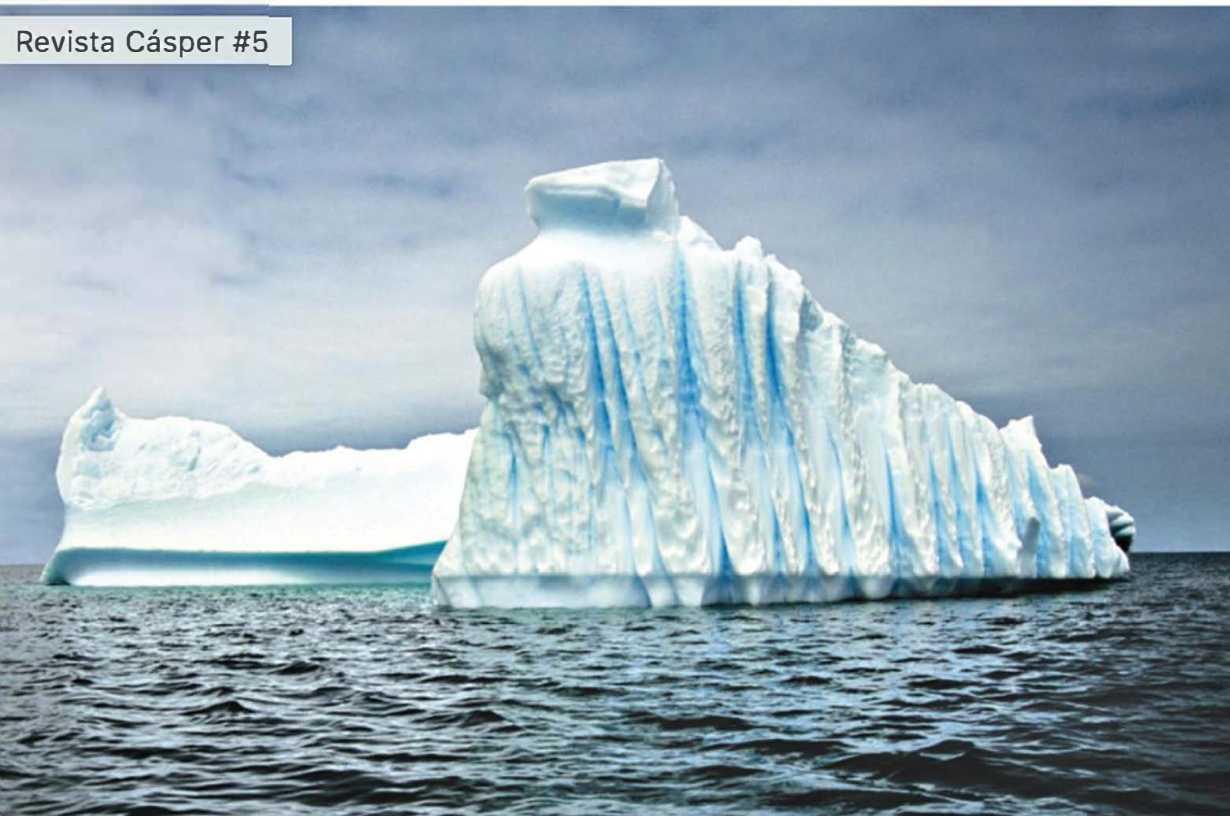
“Três minutos” por Gabriel Mitan



Lentes selvagens

O fotógrafo Adriano Gambarini já esteve em florestas, cavernas, geleirase montanhas. Tudo para produzir imagens de tirar o fôlego!

por **Thiago Tanji**
imagens **Adriano Gambarini**



Tarde ensolarada em São Paulo. Em meio aos prédios do bairro de Pinheiros, na zona oeste da capital, pessoas e carros circulam pelas ruas em ritmo intenso. Em uma confortável cafeteria num anexo da Fnac, local marcado para a entrevista, chega o fotógrafo Adriano Gambarini. Jovial, naturalmente simpático e bem disposto, deixa na mesa o aparelho celular com dispositivo auricular bluetooth. À primeira vista, o profissional parece adaptado perfeitamente ao cenário urbano que o cerca. Mas basta uma rápida conversa para descobrir que o negócio de Gambarini é mesmo o mato. Ou melhor, qualquer lugar do mundo que possa render grandes imagens.

Desde 1992 o fotógrafo clica cenários paradisíacos, animais selvagens, cidades históricas ou culturas pouco conhecidas. O interesse pela aventura veio, literalmente, do berço. “Com um ano de idade, estava acampando com minha família. O gosto por ser viajante, o prazer pelas coisas simples da vida, tudo isso aprendi com meus pais. Nunca fui para a Disney, nas férias escolares eu ia acampar”, relembra.

Com uma convivência tão próxima à natureza, Gambarini decidiu cursar Geologia, formando-se pela Universidade de São Paulo (USP) no ano de 1991.

Estudando cavernas, na disciplina conhecida como Espeleologia, necessitava registrar fotograficamente ambientes escuros. Assim, aprofundou-se nas técnicas de iluminação e nas principais regras da fotografia, uma base teórica essencial para a profissão que viria escolher.

Responsável por produzir a primeira reportagem para a *National Geographic Brasil*, Gambarini mantém-se como colaborador habitual da publicação. O fotógrafo também documenta expedições científicas, além de registrar imagens para ONGs engajadas na preservação ambiental.

Todas as fotos clicadas pelo profissional guardam uma particularidade: são pensadas e trabalhadas em seus mínimos detalhes. Uma herança trazida de seu gosto pela arte. “Colecionava livros de Michelangelo, Da Vinci. Durante anos estudei esculturas, me formei em piano clássico, escrevi dois livros de poesias. E acho que tudo isso são ingredientes que ajudaram a ter gosto pela fotografia, pelo conceito estético da imagem, tudo isso auxiliou e se reflete no meu trabalho.”

Adriano Gambarini fala, a seguir, sobre os principais aspectos da profissão, explica como produz suas imagens e comenta sobre a degradação ambiental desencadeada nos últimos anos. Tudo acompanhado das estonteantes imagens clicadas por ele. Uma ótima viagem!

“Documento muitas expedições científicas. Compreendo a linguagem dos pesquisadores porque já fui um e tenho muito respeito pelo trabalho deles. Já deixei de fotografar uma cena preciosa por causa da pesquisa: aconteceu de estar na frente de uma onça e não a fotografei pois tinha de ajudar o pesquisador. A expedição não está acontecendo por mim, mas por uma questão maior de que faço parte”



“Muita gente pergunta sobre história de aventura, de perrengue. Mas eu lembro mais do aprendizado do que da aventura. Trabalho muito com pesquisadores de carnívoros e a primeira coisa que me perguntam é se tenho medo de onça, de cobra. E falo que não: o que tenho medo é daquilo que não vejo, como malária, doenças sobre as quais não tenho controle. O perigo existe em todo lugar: hoje, tenho mais medo das ruas de São Paulo do que do mato”

"O respeito e a verdade são imprescindíveis. Isso é o carro chefe. Não consigo conceber um fotógrafo que mente sobre a foto. Porque vou falar que fiz a foto em um lugar quando fiz em outro? Mentir para leitor é mentir antes para mim mesmo,

o pois eu estava na cena, eu pertencio àquela cena. Acredito nessa relação minha com a imagem. Eu me entrego à foto. Quando estou fotografando, estou presente de corpo e alma no momento.

E acho que é por isso que não faço distinção quando estou fotografando. Ir para a Amazônia ou entrar em uma fábrica, o prazer de fotografar é igual. Gosto de clicar, do prazer de pensar na imagem. Não importa a cena."



"Tive o privilégio de vivenciar tanta coisa e por isso, mais do que ter a obrigação de compartilhar, tenho a honra de compartilhar tudo isso. Porque é uma honra ver a Antártida de cima, é uma honra ver a Amazônia que já vi, os países e culturas que já conheci. É uma honra conviver com caboclos, índios, sertanejos, pessoas de uma sabedoria ímpar. E vamos preservar tudo isso aqui porque é fantástico!"



"Não tenho uma segunda intenção na foto, faço pelo prazer de fazer. Nunca fiz uma imagem pensando em um concurso ou uma utilização específica. Você tem de acreditar no seu olhar, ter dedicação absoluta. Me entrego de corpo e alma e talvez isso fique subliminarmente na imagem. Essa é a alma da fotografia: quantas fotos do mesmo assunto você já viu? Só que tem a de um fulano que te emocionou mais. Ou seja, há alguma coisa ali. É uma coisa sutil, mas está lá. Tecnologia todos têm acesso e podem comprar, técnica todo mundo aprende, só que o nosso olhar a gente lapida"

"Acho que não faço fotojornalismo. Eu sou apenas um fotógrafo porque na minha concepção, pelo menos, fotojornalismo é outro segmento. O fotojornalista é o cara que vai atrás da informação. Mas talvez seja um erro meu associar o fotojornalismo à rapidez do click, porque também tenho o papel de ser um mediador entre os mundos. Se vou para a Amazônia e vejo um lugar fantástico, devo mostrar que esse lugar é fantástico. Se vejo a destruição, devo mostrar isso também. Mas eu gosto de estética, gosto de luz e gosto de construir a imagem. Não importa quanto tempo eu demore em alcançar o que quero. E muitas vezes, o fotojornalista não tem este tempo disponível. Eu tenho a sorte de ter o tempo a meu favor"

